

A China no capitalismo contemporâneo

China in contemporary capitalism

DOI: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.132953>

Isabella Barbosa Loiola

UEPB- Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, Brasil

isabellabloiola5@gmail.com  

Alexandre César Cunha Leite

UEPB- Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, Brasil

alexccleite@gmail.com  

Resumo

O livro "A China no capitalismo contemporâneo" apresenta um olhar sobre o desenvolvimento da China no cenário internacional, através de uma perspectiva econômica, social e política. A obra organizada por Esther Majerowicz e Edmilson Paraná está dividida em três partes, iniciando pela caracterização do desenvolvimento chinês, seguindo pela formação das classes sociais após as reformas de 1978 e última parte está focada na inserção internacional chinesa e na disputa tecnológica entre China e Estados Unidos. As reflexões construídas ao longo da obra mostram a importância da China como peça-chave da geopolítica mundial.

MAJEROWICZ, E.; PARANÁ, E. (Orgs.). **A China no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Expressão popular, 2022. ISBN: 978-65-5891-063-3

Palavras-chave: China; Economia; Política; Sociedade.

Abstract

The book "China in contemporary capitalism" provides an insight into China's development in the international scenario from an economic, social, and political perspective. The work, organized by Esther Majerowicz and Edmilson Paraná, is divided into three parts, beginning with the characterization of Chinese development, followed by the formation of social classes after the reforms of 1978, and the final part focuses on China's international integration and the technological competition between China and the United States. The reflections built throughout the book demonstrate the importance of China as a key player in global geopolitics.

MAJEROWICZ, E.; PARANÁ, E. (Orgs.). **A China no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Expressão popular, 2022. ISBN: 978-65-5891-063-3

Keywords: China; Economy; Politics; Society.

Recebido: 01 Junho 2023

Aceito: 01 Julho 2023

Capes- Aluno bolsista.

Conflitos de interesse: Os autores não reportaram potenciais conflitos de interesse



Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuição sob os termos da Licença [Creative Commons de Atribuição Não-Comercial Compartilha-Igual 4.0 Internacional \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite seu uso, distribuição e reprodução em qualquer meio bem como sua transformação e criações a partir dele, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados. Ainda, o material não pode ser usado para fins comerciais, e no caso de ser transformado, ou servir de base para outras criações, estes devem ser distribuídos sob a mesma licença que o original.

O livro "A China no capitalismo contemporâneo", organizado por Esther Majerowicz e Edemilson Paraná, apresenta um olhar da economia política sobre a vertiginosa e complexa expansão da China no capitalismo global. A obra é estruturada em três partes, partindo das características do desenvolvimento econômico chinês; passando pela formação das classes sociais pós-reforma de 1978; e, por fim, a expansão global chinesa e a disputa tecnológica com os Estados Unidos (EUA). O livro é fruto da pesquisa e colaboração de pesquisadores brasileiros e chineses, os quais citamos nominalmente: Carlos Aguiar Medeiros, Isabela Nogueira, Valéria Lopes Ribeiro, Virgínia Fontes e Hao Qi.

Na literatura acerca do tema não há um consenso sobre as características da economia chinesa que é vista sob uma ótica dicotômica, entre o socialismo e o capitalismo. Medeiros (2022), ressalta a dificuldade em caracterizar a formação econômica da China devido ao fato de o país combinar elementos e instituições socialistas atuando em um cenário capitalista.

A China tem um sistema político herdado da revolução socialista de 1949 baseado no monopólio do partido-estado, no qual as empresas estatais exercem papel de protagonismo. Medeiros (2022) define o governo de Deng Xiaoping (1978-1992) como parte essencial do desenvolvimento das forças produtivas que culminaram na industrialização do país. Sun Yat-Sen (1866-1925) defendia que o êxito no processo de industrialização da China como a forma de se libertar da condição de subordinado ao ocidente. O Estado chinês possui uma posição geopolítica autônoma, diante da ordem mundial determinada pelos EUA (YONGNIAN; XIN, 2017; LEE; WAINWRIGHT; GLASSMAN, 2018).

Edmilson Paraná e Valéria Ribeiro (2022) utilizam do realismo político de Maquiavel para analisar questões da agitada Pequim do século XXI. Os autores fazem uso dos conceitos Virtú e Fortuna para explicar a ação de desenvolvimento chinesa nas últimas décadas em que a China consegue utilizar de fatores externos e internos (virtú) para favorecer seu crescimento socioeconômico (fortuna) (MEDEIROS, 2010). Para que todo esse avanço ocorresse, o Estado teria um papel central na construção de um projeto nacional de desenvolvimento. Sendo considerado a base da estabilidade chinesa a existência do Partido Comunista Chinês (PCC).

O projeto nacional do Estado chinês tem como objetivo tornar a China um país moderno e próspero. A melhoria nos índices socioeconômicos da China é refletida na redução dos índices de pobreza. O salário médio na China é o que mais cresceu em todo mundo. O país, até início dos anos 2000, produzia bens de consumo (considerado a fábrica do mundo) passou a ser exportador de bens de capital de tecnologia, tudo isso graças aos investimentos na qualificação da população, melhoria na educação e investimentos em ciência e tecnologia.

O país concentrava boa parte da sua população em áreas rurais quando iniciaram-se as transformações impulsionadas por Deng Xiaoping a partir de 1978. Também a partir de 1978, iniciou-se o processo de proletarianização gerando agitação na população chinesa. Segundo Majerowicz (2022), a expropriação de terras motivada pelo desenvolvimento de fábricas e da urbanização tem sido a principal fonte de agitação social na China contemporânea.

A transição do campesinato para a formação de um Exército Industrial de Reserva (EIR) gerou, a partir de 1978, um fluxo migratório em massa, uma vez que o direito sobre a terra não foi assegurado para os camponeses. De acordo com Majerowicz (2022), nesse processo, a renda derivada da agricultura perdeu seu caráter estruturante dando lugar para o salário-mínimo no setor formal, marcando a proletarianização da sociedade chinesa. A população rural que se instalou em áreas urbanas formou a espinha-dorsal do EIR contando com trabalhadores submetidos a baixos salários, situação que assegurava a competitividade comercial dos produtos chineses devido ao seu baixo custo de produção (BRAGA; NOGUEIRA, 2020).

A transformação da China, de uma economia socialista planejada para uma economia de mercado com um planejamento centrado no PCC, impacta na formação social chinesa fazendo com que surgisse uma classe capitalista doméstica entrelaçada com as estruturas estatais (MAJEROWICZ; PARANÁ, 2022). A relação do PCC com a classe burguesa nacional emergente é marcada por muitas tensões, visto que a China adota a ideia de um Estado nacional weberiano (NOGUEIRA, 2018) em sua relação social, significando que o Estado chinês seria o criador e regulador dessa classe social emergente.

A classe burguesa na China está disciplinada e empenhada com o desenvolvimento do Estado. As reformas de 1978 marcaram o início da gestação da classe burguesa, contudo, apenas em 1992 foi firmado por Deng Xiaoping "o grande compromisso" com a burguesia nacional emergente (NOGUEIRA, 2018). Para Isabella Nogueira e Hao Qi (2022), o processo de privatização das estatais e de expropriação de terras são responsáveis pela criação da classe capitalista doméstica. Segundo os autores supracitados, o atual estágio de inovação tecnológica e financeirização derivam em três grandes frações de classes. A primeira sendo a *low road* proveniente de um processo de acumulação primitivo; a inovativa surgiu a partir dos anos 2000 com o investimento estratégico do Estado chinês em inovação tecnológica e, por último, a financeira advinda da financeirização econômica.

Após o processo de abertura econômica e de reformas internas, que refletiram e transformaram seu modo de produção, sua formação social e os altos índices de crescimento econômico, a China tornou-se uma das maiores economias do mundo sob a liderança do PCC. Segundo Ribeiro (2022), a inserção externa chinesa é baseada nas exportações de produtos primários, investimentos diretos em diversos setores (energia, infraestrutura e transportes como os mais relevantes) por meio do capital estatal e privado, sendo os principais parceiros países do Leste da Ásia, Oriente Médio, África e América do Sul.

A projeção externa chinesa é reflexo do modelo capitalista não neoliberal, centrado no PCC. Para Ribeiro (2022), o globalismo na China segue os estágios de acumulação interna e o investimento externo direcionado para acessar mercados, ter acesso a tecnologias estrangeiras e para exportar determinados bens produzidos internamente. Assim, sua inserção acaba sendo adequada para continuidade do seu projeto de desenvolvimento econômico. A iniciativa *Belt and Road* lançada em 2013 por Xi Jinping serve como exemplo sendo considerada com a grande estratégia na área dos investimentos e criação de rotas comerciais e logísticas (CLARKE, 2017; DUNFORD; LIU, 2019).

O processo de inovação tecnológica, impulsionado pelo Estado chinês, e a internacionalização da China favoreceram a emergência de um cenário de disputa comercial e, posteriormente, tecnológica entre China e EUA. Majerowicz (2022) expõe a ideia de que essa disputa estaria acontecendo em moldes semelhantes de uma Guerra Fria, considerando a existência de dois países com modos de produção distintos. Majerowicz (2022) resgata a natureza e as características da disputa entre EUA e União Soviética (URSS), para fazer um paralelo com a China, cujas pesquisas na área tecnológica partem das áreas militares para, posteriormente, serem adaptadas para o setor civil, tanto nos EUA quanto na China.

O Estado chinês investe e reforça a presença das estatais em áreas estratégicas, sendo uma delas o setor de inovação tecnológica. Por meio desse planejamento centrado no estado, o país vem se destacando no desenvolvimento de novas tecnologias. Nessa disputa, é válido destacar, que a economia de China e EUA tem uma complementaridade econômica, ou seja, a disputa tem limites uma vez que as economias estão entrelaçadas. As empresas chinesas dependem da economia norte-americana e vice-versa (MAJEROWICZ; PARANÁ, 2022).

A obra "A China no capitalismo contemporâneo" traz importantes reflexões a respeito do desenvolvimento chinês. Utilizando do resgate de teóricos clássicos da economia política e apresentando um diálogo com a literatura mais recente, propõe diferentes aspectos do desenvolvimento chinês dos últimos 40 anos. Associando o arcabouço teórico citado com a análise das transformações recentes na estrutura social e econômica chinesa, o livro oferece ao leitor um panorama histórico do desenvolvimento chinês, moldado por um partido comunista, mas atuando em uma ordem global capitalista financeirizada. A obra ainda contribui com uma lista de temas, tais como o aumento da desigualdade regional e de renda, o questionamento de diretrizes do PPC por parte da população e a rivalidade com os EUA, que se apresentam como desafios para o governo chinês e demandarão atenção por parte dos pesquisadores.

Referências

BRAGA, João Pedro; NOGUEIRA, Isabela. Mercado de trabalho e salário mínimo na China. **Geosul**, v. 35, n. 77, p. 49-72, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/75892>. Acesso em: 12 maio de 2023.

CLARKE, Michael. The belt and road initiative: China's new grand strategy? **Asia Policy**, n. 24, p. 71-79, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26403204>. Acesso em: 12 maio de 2023.

DUNFORD, Michael; LIU, Weidong. Chinese perspectives on the Belt and Road Initiative. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 12, n. 1, p. 145-167, 2019. Disponível em: <https://academic.oup.com/cjres/article-abstract/12/1/145/5288447?login=false>. Acesso: 12 maio de 2023.

LEE, Seung-Ook; WAINWRIGHT, Joel; GLASSMAN, Jim. Geopolitical economy and the production of territory: The case of US-China geopolitical-economic competition in Asia. **Environment and Planning A: Economy and Space**, v. 50, n. 2, p. 416-436, 2018. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0308518X17701727?casa_token=IGOS-wsvnv0AAAAA:ijq98Y9nC8mZlI9-Iv2cSW4mWFtmMD_pqnF-YvS7iySSXWYdpomMU2HShun5MIAw5B6CpaX6sldHlrQ. Acesso em: 23 maio de 2023.

MAJEROWICZ, E.; PARANÁ, E. (Orgs.). **A China no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Expressão popular, 2022. ISBN: 978-65-5891-063-3

MEDEIROS, Carlos Aguiar. O ciclo recente de crescimento chinês e seus desafios. **Observatório da economia global Unicamp**, Textos Avulsos, no.3, Junho, 2010. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/cecon/images/arquivos/observatorio/OBSERVATORIO_3.pdf. Acesso em: 12 maio de 2023.

NOGUEIRA, Isabela. Estado e capital em uma China com classes. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 22, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/Yw5R7FYckMDNF9Nq8pGYZbT/?lang=pt&stop=previous&format=html>. Acesso em: 25 maio de 2023.

YONGNIAN, Zheng; XIN, Lim Wen. The Changing Geopolitical Landscape, China and the World Order in the 21st Century. **China: An International Journal**, v. 15, n. 1, p. 4-23, 2017. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/650097>. Acesso em: 12 maio de 2023.

Funções de colaboração exercidas

Isabella Barbosa Loiola:

Escrita (primeira redação);

Alexandre César Cunha Leite:

Escrita (revisão e edição);

Informações fornecidas pelos autores de acordo com a [Taxonomia de Funções de Colaborador \(CRediT\)](#)